

APRESENTAÇÃO

Em continuidade à proposta de reunir textos sobre gêneros narrativos, apresentamos, no v. 16, n. 2 da revista *Scripta Uniandrade*, o eixo temático “Ficção histórica e metaficção”, que conta com onze artigos escritos por pesquisadores e especialistas na área, ressitando a discussão em torno do assunto por meio da pluralidade de fontes, temas, perspectivas teóricas e abordagens, e nove artigos na seção Varia. Se considerarmos as instituições de origem dos autores e das autoras, publicamos, neste número da revista, artigos de mais de quatorze universidades brasileiras.

Os três artigos iniciais versam sobre obras da literatura brasileira dos séculos XIX e XX. No texto de abertura, intitulado “A função do cancionero popular na dimensão histórica de *O Cabeleira*, romance de Franklin Távora”, Felipe Gonçalves Figueira discute o método de criação de Távora, autor cearense que utiliza textos do cancionero popular e do imaginário cultural da sociedade pernambucana como material de composição para recuperar a memória e história do cangaceiro José Gomes, vulgo Cabeleira, o qual assombrou as paragens do sertão nordestino no século XVIII. Já em “Os bastidores da história nas beiradas do romance histórico tradicional: *A marquesa de Santos*, de Paulo Setúbal”, Stanis David Lacowicz analisa a transposição para a ficção da vida da personagem histórica Domitila de Castro Canto, agraciada pelo imperador D. Pedro I com o título de Marquesa dos Santos, examinando a constituição do texto em questão enquanto romance histórico, utilizando como aporte teórico estudos sobre o discurso narrativo e as postulações de Lukács. O terceiro artigo, “*A ferro e fogo*, de Josué Guimarães: romance histórico lukácsiano”, de Márcio Miranda Alves e Eduardo Ortiz, como indica o próprio título, busca analisar dois textos, *A ferro e fogo: tempo de solidão* (1972) e *A ferro e fogo: tempo de guerra* (1975), explorando, principalmente, as representações dos eventos históricos e sociais na ficção com o intuito de estabelecer as conexões com o gênero teorizado por Lukács.

Na sequência, Rodrigo de Freitas Faqueri, em “Construção ficcional e (re)construção histórica: um jogo entre a ficção e a realidade em *El material humano*, de Rey Rosa”, investiga a técnica ficcional do escrito guatemalteco que se destaca por construir suas narrativas a partir de elementos ficcionais carregados de caráter histórico, colocando em dúvida os limites entre o universo ficcional e a realidade. A violência é privilegiada, não só como temática, mas principalmente como componente estruturante da narrativa. E, em “Repensar a escrita nos tempos de chumbo: a metaficção no romance *Em liberdade*, de Silviano Santiago”, Helder Santos Rocha concentra-se na análise dos recursos metaficcionais utilizados por Santiago em sua obra sobre ditadura militar pós-1964, além de discutir o hibridismo textual e o veio ensaístico do autor.

Os dois ensaios seguintes versam sobre a literatura infantil e juvenil brasileira que utilizam recursos metaficcionais. No artigo “Questões sobre o personagem-escritor, a tradição oral e a tradição escrita em *O fantástico mistério de feiurinha*, de Pedro Bandeira”, Vanessa Gomes Franca e Flávio Pereira Camargo mostram que o autor estabelece diálogos com alguns dos contos de fadas mais conhecidos e, por meio deles, num exercício metaficcional que exhibe uma autoconsciência dos procedimentos da criação literária, comenta a própria literatura. Por sua vez, Edilson Alves de Souza, em “O leitor e as estratégias metaficcionais em *O outro lado da história*, de Rosana Rios”, propõe uma reflexão a respeito do leitor metaficcional à luz de perspectivas teóricas de Eco, Barthes, Jauss, Iser e Hutcheon, a partir da obra objeto de análise.

A metaficção historiográfica, teorizada por Linda Hutcheon, é utilizada como aporte teórico por Cleia da Rocha, em seu artigo “Metaficção em *Dias e dias* e *A última quimera*, de Ana Miranda”. A articulista investiga a tendência de ficcionalização de autores reais, especificamente dos escritores Augusto dos Anjos e Gonçalves Dias, cujo passado biográfico é reatualizado por meio de seus próprios textos e do pastiche de seus estilos, em um processo amplamente intertextual desenvolvido por Ana Miranda. Outrossim, Delvacir Leonardo, em “História e ficção: a guerrilha do Araguaia recontada em *Azul corvo*, de Adriana Lisboa”, além de privilegiar considerações teóricas de Hutcheon sobre a metaficção historiográfica, também se vale de Ricoeur e Halbwachs para lançar um olhar crítico sobre o texto em questão, tendo como intuito mostrar como se dá a construção da identidade das personagens a partir de discursos silenciados por mais de cinquenta anos.

Em “Criação e/ou inspiração? A prosa metaficcional de Luiz Antonio Assis Brasil”, Daniela Silva da Silva busca realizar um estudo do método de criação do autor brasileiro mencionado no título do trabalho, tomando como *corpus* o conjunto formado pelos três primeiros livros da série que Assis Brasil denomina de *Visitantes ao sul*. A autora propõe uma leitura sincrônico-diacrônica, a partir de Tomachevski e Tynianov e, a partir desse diálogo, em contraponto, objetiva discutir não apenas o ser da obra de arte, mas também suas relações com séries históricas, pensamento crítico e teoria. No artigo que encerra o eixo temático, intitulado “*Procura do romance*, de Julián Fuks: o escritor como objeto de si”, Vera Lopes da Silva, explora as vozes discursivas encarnadas nas figuras do narrador e do autor, as quais se deslocam permanentemente sem nunca se fixarem. Aborda, ainda, traços distintivos da escrita de Fuks, principalmente a voz discursiva ligada ao fazer literário e a metalinguagem intrincada associada ao discurso dessa voz como linguagem-objeto.

Seguindo outro importante objetivo da *Scripta Uniandrade*, qual seja a abertura de espaço para a publicação de trabalhos não vinculados a temas específicos, a seção VARIA conta com nove artigos. No ensaio que inaugura este segmento da revista, intitulado “*Seneque en moi: a imitação dos antigos como método de escrita nos Ensaios de Montaigne*”, Alexandre Soares

Carneiro e Thiago Maerki, partindo do exame de algumas características do sistema pedagógico do Humanismo discutidas por Moss, Boutcher, Davies e Bloom, apontam Sêneca – principalmente as *Cartas a Lucílio* – como influência mais importante na escrita de Montaigne. Além disso, os articulistas ainda investigam como essa imitação serviu ao autor para a construção do seu próprio eu presente em seus *Ensaio*s. Na sequência, o artigo de Dionei Mathias, intitulado “Literatura e fluxos migratórios em contextos anglófonos: sobre a gênese discursiva de um campo de pesquisa”, apresenta uma reflexão em torno da tentativa de estabelecer um conceito teórico que organize a discussão de textos literários escritos por estrangeiros e seus filhos em outros contextos nacionais. Para tanto, examina a literatura oriunda de fluxos migratórios em três contextos anglófonos: na Inglaterra, no Canadá e nos Estados Unidos.

A literatura brasileira é focalizada em três textos. No ensaio “A retórica, a civilização europeia e as determinações morais no discurso narrativo de José de Alencar”, Antonio Joaquim Pereira Neto analisa *A pata da gazela* e *Lucíola*, de José de Alencar, para mostrar que esses romances reproduzem a matriz da dominação colonial, a qual se evidencia por meio de sentenças morais replicadoras de imagens produtoras da verossimilhança de uma vida fluminense marcada pela legitimidade de uma socialibilidade cortesã. Por outro prisma, em “Do imperialismo tropical à república: a vergonha do Brasil na literatura regionalista de Hugo de Carvalho Ramos”, Fabianna Simão Bellizi Carneiro analisa os contos “A bruxa dos Marinheiros” e “À beira do pouso”, para mostrar o dilema do autor que, ao relatar os problemas do campo no momento em que o Brasil avança em seu processo de industrialização capitalista, não pode expor as marcas da miséria. E, no artigo intitulado “Da tradição oral às memórias: a escrita literária de Helena Morley”, Maria Alice Ribeiro Gabriel e Luciane A. Santos realizam um estudo sobre a obra *Minha vida de menina* de Alice Dayrell Caldeira Brant, a qual escreveu suas memórias na forma de diário, adotando o pseudônimo de Helena Morley. À luz de estudos sobre o diário e o gênero memórias, realizados por Antonio Candido, Castelo-Branco Chaves, Leonor Arfuch e Philippe Lejeune, as articulistas objetivam mostrar que a narrativa, baseada em fatos e impressões da vida diária, envolve um processo de ficcionalização.

No estudo “*Mulheres de abril* hoje”, Maria Perla de Araújo Morais e Frederico José Andries Lopes exploram o livro de poesia *Mulheres de abril*, da escritora portuguesa Maria Teresa Horta, que aborda criticamente questões sobre o sujeito feminino antes e após a Revolução dos Cravos, situando o lugar da mulher dentro de práticas sociais e políticas de controle do corpo e do imaginário. O ensaio de José de Paiva Santos, “A representação de rituais em *Amada* de Toni Morrison: comunidade, resistência, empoderamento”, a partir do texto de Morrison mencionado, investiga os rituais praticados em comunidades afro-americanas, cuja função é propiciar estabilidade, harmonia, fortalecimento de laços comunitários e empoderamento de grupos e indivíduos. As reflexões dos antropólogos Émile Durkheim, Victor Turner e

Max Gluckman, da especialista em estudos de religião, Catherine Bell, e do mitologista Joseph Campbell são utilizados para iluminar a pesquisa.

Por fim, a seção VARIA se completa com dois artigos sobre textos de escritores moçambicanos. Em “*O sétimo juramento: metáforas para um (contra)feitiço no pós-independência*”, José Ricardo da Costa e Daniel Conte refletem sobre o texto de Paulina Chiziane, o qual tem como foco central um escândalo de corrupção que ameaça a estabilidade profissional de um funcionário de alto escalão. Para evitar a derrocada, o infrator recorre a um pacto demoníaco com Makhulu Mamba, figura do imaginário moçambicano, comprometendo-se a sacrificar um dos membros de sua família. As perspectivas teóricas de Bakhtin, Bachelard e Booth são utilizadas para elucidar a proposta figurativa do romance. E em “*Infância como instância poética na prosa de Mia Couto*”, Dilma Beatriz Rocha Juliano mostra que em *A menina sem palavras*, o escritor aborda a infância como instância poética, um período em que espírito cria livremente, liberando novas possibilidades de significados de mundo, como destaca Walter Benjamin, e profanando a linguagem e as estruturas dos usos já consagrados, como assevera Giorgio Agambem. A pesquisadora conclui que a prosa de Mia Couto é evocação poética, porém sem o afastamento da realidade opressiva da sociedade colonizada.

Agradecemos a todos os pesquisadores pelas contribuições recebidas, certos de que elas proporcionarão reflexões importantes para os campos dos estudos literários e da teoria da literatura.

As editoras